

## O colar de ferro da imperatriz

O Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, expõe o belo colar da foto abaixo, informando-nos tratar-se de uma peça fundida pela Fábrica de Ferro São João de Ipanema e presenteada à imperatriz Tereza Cristina, esposa de D. Pedro II. É um objeto esbelto, com um esmalte de cor negra.



Colar de ferro da Imperatriz Tereza Cristina, exibido no Museu Histórico Nacional, de fabricação atribuída à Fábrica de Ferro de Ipanema.

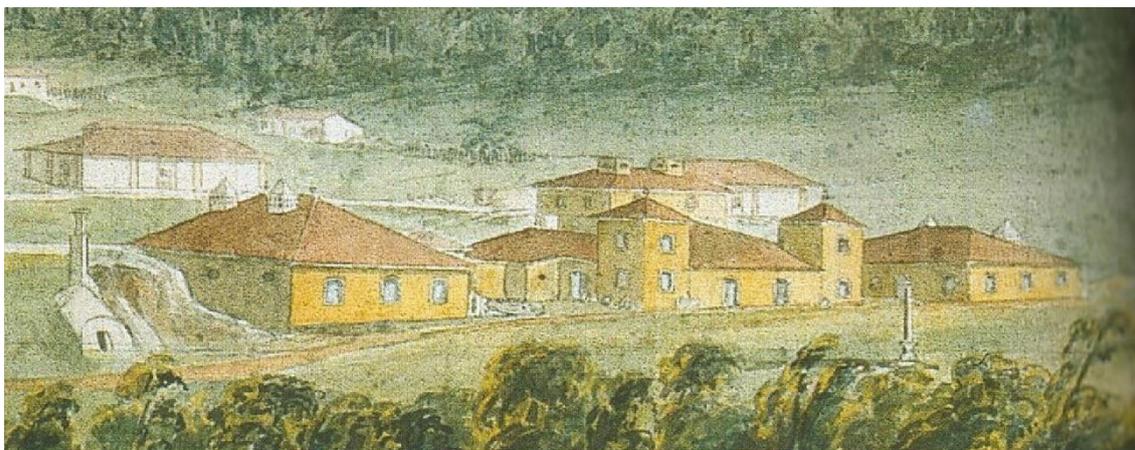
Foto de Irina de Aragão, 2019.

Esse tipo de objeto fez parte de uma moda da primeira metade do século XIX, o “Fer de Berlin”. Pode-se afirmar que a bijuteria nasceu naquele momento. Braceletes, brincos e colares de ferro fundido com oxidação preta brilhante estiveram na moda em Berlin, e de lá conquistaram o mundo, chegando até Sorocaba. Essa moda nasceu na Fundição Real da Prússia, fundada em 1804 para fazer gradis, tubos e portões, mas em 1806 lançaram essa nova linha de produtos. Essa joalheria, de preço mais barato, atendia as necessidades de uma classe média que nascia com a primeira revolução industrial. Quando Napoleão invadiu e conquistou Berlim, em 1808, essa moda foi levada à França e tomou esse nome afrancesado, o “Fer de Berlin” pelo qual esses objetos ficaram conhecidos. É só procurar no Google e imagens dessas belas peças aparecerão. A moda atingiu novo embalo quando foi iniciada a “guerra de libertação da Alemanha”, em 1813, e o governo lançou a bem sucedida campanha “troque sua jóia de ouro por uma de ferro, para ajudar sua pátria”. Os mais velhos lembrarão das campanhas parecidas que tivemos em 1932 e 1964.

Um nome esteve por trás dessa moda: Karl Friedrich Schinkel, o arquiteto que se tornou um dos principais conselheiros do GewerbeInstitut da Prússia, um tipo de Liceu de Artes e Ofícios onde muitos de seus professores projetavam objetos para a Fundação de Ferro de Berlin. Para orientar o design dos fabricantes, o Instituto criou uma revista para divulgar os projetos neoclássicos que se desenvolveriam no que depois ficou conhecido como estilo Biedermeier, do agrado daqueles tempos conservadores, na ressaca da Revolução Francesa. Schinkel, depois de visitar a Inglaterra em 1826, ficou ainda mais entusiasmado com o uso do ferro fundido na arquitetura e disseminou o uso desse material em fachadas, escadarias e gradis dos edifícios de Berlin.

K F Schinkel faleceu em 1841 e a moda do Ferro de Berlin meio que foi-se com ele. Entretanto, o uso de ferro na arquitetura, tanto forjado como fundido, não parou de crescer. No final do século XIX, que merece a alcunha de Século do Ferro, edifícios inteiros feitos de ferro populavam todas as grandes cidades do mundo, incluindo lugares exóticos como o Brasil, de Manaus a Pelotas. O surgimento do cimento e do concreto trouxe o ocaso do ferro fundido na arquitetura.

Mas será que a Fábrica de Ferro de Ipanema fundiu objetos tão singelos? A pesquisadora Irina de Aragão está investigando essa possibilidade. Naquela fábrica, João VI, Regente Feijó, Senador Vergueiro, Brigadeiro Tobias de Aguiar e Pedro II investiram muito dinheiro, esforço e esperança. Tanto esforço deixou muitas marcas: os altos fornos, os canhões na praça de Sorocaba e do Museu Paulista, vasos, escadas, gradis e portões de ferro nos remetem às milhares de toneladas de ferro líquido que lá foram produzidas.



**Quadro de Edmund Pink, retratando, em 1821, a Fábrica de ferro de Ipanema (coleção BOVESPA).**

Bem que gostaríamos de reencontrar alguma das duzentas moedas de cana lá produzidas. Mas há outra classe de objetos feitos em Ipanema e que seria muito importante saber se ainda existe: caixas de rapé com retrato de João VI, castiçais, quadros com bustos de Schiller e de Goethe, e até um pequeno baixo relevo da conhecida ceia de Da Vinci, tudo feito de ferro fundido com uma oxidação preta muito brilhante. O filho do diretor de Ipanema, que tornou-se o maior historiador de seu tempo, afirmou que esses “delicados artefactos de ferro, de negro enfumado brilhante, são tão bem feitos como os que a Prússia fornece ao comércio”. Francisco Varnhagen nos conta, em seu livro sobre História do Brasil, escrito em 1857, que muitas casas de Sorocaba, São Paulo e Rio de Janeiro tinham essas peças.

O ferro fundido, diferentemente do ferro forjado ou laminado, é frágil, quebra com facilidade. As peças mais finas e delicadas podem ter sido quebradas e perdidas nos últimos 150 anos, mas algumas coleções em museus na Alemanha, França e Inglaterra preservam a bijuteria de Fer de Berlin. Sobreviveu algum desses objetos no Brasil, além do chamado “colar da imperatriz”? Fica aqui essa “message in a bottle”. Quem souber, avise-nos.



Coroa de ferro fundida em frente ao imperador Pedro II, em sua visita à Fábrica de Ferro de Ipanema em 1875. Acervo do Museu Paulista.